

Séc. Ib.

ONU pede ao Conselho de Segurança o envio de 1300 agentes da Polícia

O representante especial do secretário-geral das Nações Unidas em Moçambique, Aldo Ajello, pediu ao Conselho de Segurança da ONU o envio de 1.300 agentes da Polícia para Moçambique, disse o líder da Renamo à comunicação social.

Afonso Dhlakama referiu que Aldo Ajello fez este pedido a Nova Iorque após receber o relatório de um grupo de peritos policiais, enviados a Moçambique em Outubro para fazer um levantamento das necessidades reais do País nesta área até à realização das eleições de Outubro de 1994.

O porta-voz da Operação das Nações Unidas em Moçambique (Onumuz) confirmou em Maputo o pedido de reforço dos iniciais 128 agentes mas recusou-se a indicar cifras, alegadamente porque o levantamento enviado para Nova Iorque «ainda não é público».

O líder da Renamo, apesar de se mostrar satisfeito com o pedido de Ajello para o aumento dos agentes policiais da ONU, disse que este número continuará aquém das reais necessidades do País.

Para Afonso Dhlakama, o efectivo ideal para Moçambique — com 801.590 quilómetros quadrados e cerca de 16 milhões de habitantes — seria de 3.000 ou 4.000 polícias.

Dhlakama afirmou que esses polícias terão como função ajudar e treinar a Polícia moçambicana, para se transformar numa corporação técnica e apartidária.

«Já não tememos a Poli-

cia da República de Moçambique (PRM). O nosso actual problema é a Polícia de Intervenção Rápida (anti-motim)», disse.

O presidente da Renamo disse que irá fazer um trabalho de sensibilização junto dos «jovens da Polícia de Intervenção Rápida para saberem que são filhos do povo e devem servir o povo e não um partido ou grupo de indivíduos».

Afonso Dhlakama deixou Maputo há dias decepcionado, por até à data da sua partida não ter obtido «luz verde» do presidente da República, Joaquim Chissano, para visitar o Ministério do Interior, de que depende a Polícia em Moçambique.

Em declarações aos órgãos de Informação, Dhlakama disse ainda que pediu ao Reino Unido mais apoio financeiro para a Renamo poder transformar-se rapidamente em partido político.

O pedido foi transmitido à ministra da Cooperação britânica, a baronesa Lynda Chalker, no encontro que tiveram recentemente em Massala, na Província de Sofala, centro de Moçambique, uma área controlada pela Renamo.

Segundo o líder da Resistência Nacional Moçambicana, Chalker afirmou que «está consciente e compreende» as solicitações de Dhlakama, mas adiantou que o seu País não podia enviar fundos para um partido.

No entanto, a governante britânica disse ao líder do movimento com sede em Maringué, Sofala, que o seu País poderia ajudar a

Renamo através de um «mecanismo conjunto dos países europeus».

DIRIGENTE GUERRILHEIRO TRANSFORMADO EM LIDER POLITICO

Dhlakama disse que Lynda Chalker se mostrou «surpreendida e satisfeita» pela sua «rápida transformação» de dirigente guerrilheiro em líder político e fez votos para que os restantes membros da Renamo sigam o exemplo do seu presidente.

«Precisamos do dinheiro o mais tardar até Janeiro, para a estruturação da Renamo e não para a campanha eleitoral em si», precisou.

«Sem dinheiro para a Renamo se transformar em

partido político não se pode falar em democracia efectiva em Moçambique», repetiu.

«COMUNISTAS SÃO BONS NA PROPAGANDA PORQUE NÃO SÃO VERDADEIROS»

Sobre o processo de acantonamento dos guerrilheiros do seu movimento, afirmou que «tudo está a correr bem», não obstante a «propaganda anti-Renamo» movida alegadamente pelos meios de comunicação governamentais.

Dhlakama considerou que «os comunistas são bons na propaganda porque não são verdadeiros. São de má fé. A Frelimo ainda não mudou, temos plena consciência disso».